

Caminhos de Portinari

Renato Pompeu

Dois belíssimos álbuns de luxo, com encantadoras ilustrações e textos bem informativos, ambos de grande formato, em agradável, aos olhos e ao tato, papel couchê, se destacam entre os lançamentos recentes. Um é *Caminhos de Portinari*, com fotos de Alan Nielsen, textos de Diógenes Moura e poemas do próprio Cândido Portinari (1903-1962), um dos mais importantes pintores brasileiros, edição em português e inglês patrocinada pela OHL Brasil e publicada pela Terra Virgem Editora. O outro, também em edição em português e inglês, se intitula *Energias Renováveis no Brasil – Desafios e Oportunidades*, de autoria do engenheiro-elétrico e economista Emílio Lèbre La Rovere, físico Luiz Pinguelli Rosa, economista Ladislav Dowbor, ecossocioeconomista Ignacy Sachs, todos nomes de projeção no ce-



nário universitário internacional, publicado pelo Núcleo de Estudos do Futuro da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC-SP, grupo dirigido por Dowbor. (Leia mais ao lado).

A intenção do fotógrafo Nielsen foi retratar as paisagens, tal como são hoje, da região de Brodowski, perto de Ribeirão Preto-SP, onde Portinari nasceu, filho de colonos italianos bem pobres, lavradores do café, que só se destacavam pelo sobrenome ilustre, o mesmo da florentina medieval Beatriz, inspiradora do poeta Dante Alighieri, e que era filha do banqueiro Folco di Portinari. A família era tão pobre que Portinari não chegou a completar o curso primário. Mas, aos 14 anos, foi recrutado, como ajudante, por um grupo itinerante de pintores e escultores italianos que trabalhava na

restauração de igrejas. Revelou tanto talento que saiu de Brodowski com o grupo e, um ano depois, já era aluno, no Rio de Janeiro, da Escola Nacional de Belas-Artes, início de uma carreira vitoriosa nacional e internacionalmente que o levaria a pintar painéis que ornaram a sede da Organização das Nações Unidas-ONU, em Nova York, e a Biblioteca do Congresso americano, em Washington.

Pelo que se vê nas fotos de Nielsen, Brodowski agora é área de canaviais e não de cafezais, como Portinari as conheceu na infância. Também casas que poderiam ser novas na época em que Portinari vagava por ali hoje estão envelhecidas e, até mesmo, deterioradas. Mas de todo modo as fotos retratam os ambientes ao mesmo tempo agrestes, exuberantes e vagamente melancólicos reproduzidos também nos poemas de Portinari que acompanham as imagens.